Segunda-Feira, 09 de Novembro de 2026

Minha paz

O sol de fim de tarde dourava a poeira que subira e agora, devagar, voltava a se alojar nas frestas dos paralelepípedos da rua. Sentado na varanda de casa, acompanhado apenas do chiar brando do bule no fogão que logo iria se juntar à erva-mate da cuia de chimarrão e ao som do vento nas folhas do quintal, ele observava a vida passar.

Durante décadas, sua mente funcionara como um centro de operações: calculava rotas, previa tempestades alheias, tentava adivinhar o pensamento de quem amava e que fazia com que carregasse nas costas, com um orgulho velado, o peso das escolhas dos outros. Acreditava, do fundo do peito, que dirigir era o mesmo que cuidar.

Naquela tarde, contudo, o silêncio da casa parecia lhe soprar uma verdade antiga. Percebeu o tamanho da ilusão em que vivera: tentar conduzir o que, pela própria natureza, nascera para ser livre. Sentiu um cansaço bom, não de derrota, mas de desembarque. Era pesado demais continuar sendo o guardião do destino alheio.

Lembrou-se das tantas vezes em que usou o silêncio como punição ou a ausência como um recado mudo. Perdeu a conta de quantas vezes ameaçara ir embora só para provocar saudade, só para ver se alguém adivinhava a sua dor. Sorriu com o canto da boca, reconhecendo a imaturidade daquele vício antigo. Sumir para dar uma lição era apenas uma forma sutil de manipulação. Quem busca compreensão não se esconde nas sombras; comunica, estende a mão e permanece presente. Se um dia precisasse se retirar, que fosse por preservação e cuidado, jamais como um jogo de cena.

Decidiu, ali mesmo, recolher a sua energia. Deixaria de brigar com a realidade. Compreendeu com lucidez cirúrgica que a vida se divide em duas listas bem claras: na primeira, o que depende dele — seus pensamentos, suas escolhas e a postura diante do mundo; na segunda, o mar incontrolável do que jamais dependerá — o passado, o julgamento alheio e as atitudes dos outros. Insistir na segunda lista era a receita exata do sofrimento; focar na primeira era o único caminho para recuperar a própria vida.

Abrir mão de controlar o outro não significava entregar o leme do próprio barco. Pelo contrário. Era ali que a verdadeira responsabilidade começava. Aprendeu a sustentar o “não” com firmeza e doçura, mesmo correndo o risco de desagradar, e assim deixou de esperar que o reconhecimento viesse de fora, como uma esmola emocional. Quando o valor próprio é resgatado do fundo do peito, cessa imediatamente a súplica por atenção e a aceitação de migalhas. Decididamente, não caberia mais em lugares onde precisasse se diminuir para ser aceito.

Não buscava uma paz ingênua, daquelas sem problemas ou contratempos. Desejava a paz de quem tem critérios claros. Uma paz soberana, que não depende de pedidos de desculpas, de retornos ou de que o outro mude de opinião. A recompensa era alta e generosa: abrir mão de ter razão o tempo todo, renunciar à necessidade de vencer cada discussão e abdicar do controle da narrativa. Um valor que ele reconhecia a partir de agora com um sorriso leve, porque o ganho era ter a própria vida de volta, inteira e sem sobressaltos.

Enquanto a noite cobria a varanda e as luzes da cidade se acendiam ao ritmo ditado pela chegada da noite, ele pegou o caderno sobre a mesa e redigiu, com calma e precisão, a síntese de sua conquista:

Minha Paz

Não me permito mais controlar ninguém.

Não podendo controlar, simplesmente aceito.

Por isso mesmo não vou me afastar.

Não preciso ir embora para buscar compreensão,

Posso, sim, permanecer dono de minha vida.

Faço isso para valorizar o meu jeito de ser.

Agindo assim, escolho minha paz.

Fechou o caderno. Não era desapego; era maturidade. Era a sua escolha. Era a sua paz.

Marcelo Portocarrero é engenheiro civil